



ENTRE PAISAGENS

BETWEEN LANDSCAPES

Leandro Jung¹

Arista e Professor de Arte – Estado de Santa Catarina
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

O artigo apresenta uma pesquisa em processo, decorrente da produção artística realizada em contato com o rio Palmeiras, localizado em Orleans (SC). A paisagem é abordada em sua dimensão geográfica, sendo o rio o principal elemento que atravessa e marca minha localidade de origem. As produções artísticas desenvolvem-se sobre tecidos, que registram impressões sensíveis das transformações da paisagem ao redor do rio. Esse processo envolve imersão direta no território, observação das mudanças e o uso do próprio espaço como construtor de imagens. O resultado é uma produção visual que integra arte e natureza, revelando um percurso poético e investigativo. A pesquisa dialoga com os pensamentos de Barroso (2012), Bosi (1994), Careri (2013), Coccia (2014), Krenak (2022) e Tukano (2021). A paisagem se revela não apenas como cenário, mas como agente ativa na criação das obras.

Palavras-Chave: Arte. Rio. Paisagem. Caminhar.

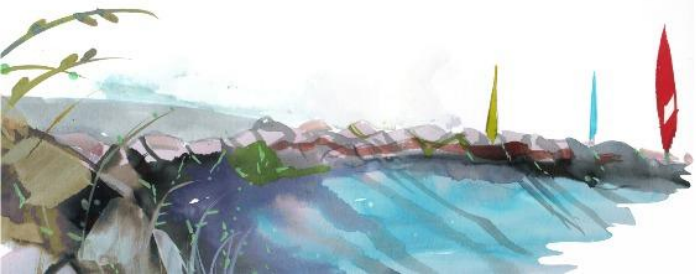
ABSTRACT

The article presents an ongoing research project based on artistic production carried out in contact with the Palmeiras River, located in Orleans (SC). The landscape is approached through its geographical dimension, with the river as the main element that crosses and defines my place of origin. The artistic works are developed on fabrics, which capture sensitive impressions of the landscape's transformations around the river. This process involves direct immersion in the territory, observation of changes, and the use of the space itself as a creator of images. The result is a visual production that integrates art and nature, revealing a poetic and investigative journey. The research dialogues with the ideas of Barroso (2012), Bosi (1994), Careri (2013), Coccia (2014), Krenak (2022), and Tukano (2021). The landscape emerges not only as a backdrop but as an active agent in the creation of the works.

KEYWORDS: Art; River; Landscape; Walking.

Mapeando o território

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa em processo, desenvolvida em diálogo com meu território de origem: a comunidade de Rio Palmeiras Alto, no município de Orleans, Santa Catarina. Essa região é atravessada pelo Rio



Palmeiras, um elemento central tanto na geografia quanto na história local. A paisagem natural do lugar vem sendo profundamente modificada ao longo do tempo pela ação humana — especialmente a partir da colonização, da exploração intensiva dos recursos naturais e da extração de carvão mineral, que deixaram marcas visíveis no Rio Palmeiras e na paisagem ao seu entorno.

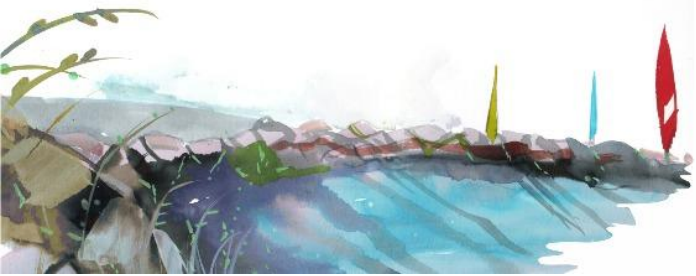
Como forma de pensar e sentir essas transformações, venho desenvolvendo uma série de obras intituladas *Paisagem na/da Paisagem*. Essas criações são realizadas em contato direto com o Rio Palmeiras e com a natureza ao seu entorno. As manchas, tons e marcas que impregnam no tecido branco durante o processo simulam paisagens — não como representações figurativas ou realistas, mas como impressões sensíveis de um lugar em constante mudança, afetado e afetante.

A conversa sobre o processo artístico e de pesquisa se dá no capítulo seguinte, *A Paisagem na/da paisagem*. Por fim, algumas considerações e as referências bibliográficas.

Paisagem na/da paisagem

Sou natural de Rio Palmeiras Alto, comunidade rural de Orleans (SC). Este território é atravessado pelo rio que dá nome às localidades ao seu redor, até confluir com o rio Tubarão e desaguar no oceano, em minha cidade atual, Laguna (SC). Esta região era habitada pelos povos originários há cerca de oito mil anos, os quais mantinham uma relação de cuidado e respeito com o rio e com a natureza. Os povos originários se deslocavam entre o litoral e o planalto catarinense por meio dos rios.

Todo este território foi inserido no processo de colonização e ocupação populacional europeia. Foi pelo porto de Laguna (SC) que a maior parte dos imigrantes desembarcou para seguir rio acima, ocupando os territórios dos povos indígenas. Com essa perspectiva colonial, a memória dos rios foi, aos poucos, se apagando. A relação de cuidado e respeito com a natureza foi sendo perdida. Os rios, que eram



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

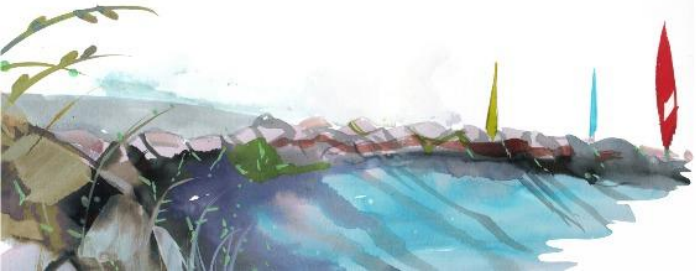
referência para os povos originários, hoje carregam até o oceano poluição, contaminação e rejeitos da extração de carvão mineral.

A paisagem ao longo do rio vem sendo modificada pelas ações humanas, seja pela exploração dos recursos naturais, pela contaminação da extração do carvão mineral, das queimadas e devastações da mata auxiliar do rio. Neste sentido, me afasto da cultura extrativista dos meus antepassados e me aproximo do pensamento de artista/pensadores indígenas que proporcionam um olhar a ancestralidade do rio e da sua importância para a manutenção da vida.

Me aproximo do pensamento de Daiara Tukano (2021) *“o rio é um menino. O rio ele tem mãe. O rio só nasce onde tem floresta. A floresta é a mãe do rio menino”*. A artista indígena reflete uma visão ancestral e decolonial sobre o rio, que nos convida a (re)pensar a relação com as águas e a natureza. A ideia de que os rios não são apenas recursos naturais ou simples caminhos de água, mas seres vivos e sagrados que possuem um ciclo de vida e uma conexão profunda com a floresta e a terra. Corroboro com Krenak (2022, p.8):

Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui. Gosto de pensar que todos aqueles que somos capazes de invocar como devir são nossos companheiros de jornada, mesmo que imemoráveis, já que a passagem do tempo acaba se tornando um ruído em nossa observação sensível do planeta. Mas estamos na Pacha Mama, que não tem fronteiras, então não importa se estamos acima ou abaixo do rio Grande; estamos em todos os lugares, pois em tudo estão os nossos ancestrais, os rios-montanhas, e compartilho com vocês a riqueza incontida que é viver esses presentes.

O autor nos convida a refletir sobre a presença ancestral dos rios e sua conexão profunda com o tempo e o futuro, uma garantia de olhar para o passado para que se possa garantir o futuro. O indígena sugere que o futuro não é algo a ser construído a



extremos

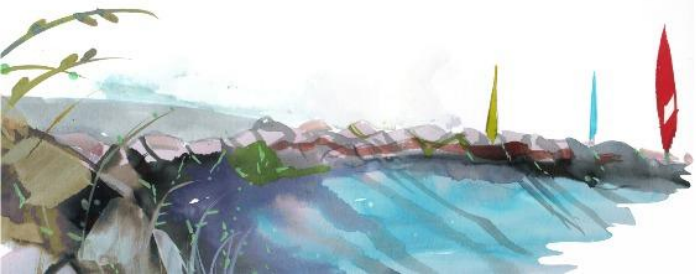
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

partir de uma ruptura com o passado, mas sim uma continuidade do que já existe, das relações e sabedorias que foram estabelecidas ao longo de milhares de anos.

Esses rios, antes fontes de vida e interação entre os povos originários e a natureza, foram silenciados e devastados pela colonização. No entanto, como seres ancestrais, esses rios continuam a carregar memórias e potenciais de transformação. O futuro desses rios, se pensarmos a partir da perspectiva de Krenak, não está perdido, mas sim enraizado na ancestralidade de sua existência. Resgatar a memória e a relação com os rios é, portanto, uma forma de reconectar-se com o passado e com os saberes que podem nos orientar de forma mais poética com os rios.

A existência dos rios Palmeiras e Tubarão antecede e sustenta a vida das plantas, dos animais e de todos os organismos que habitam seus entornos. Antes de qualquer presença vegetal ou animal, já havia a presença da água moldando o relevo, umedecendo o solo e criando as condições necessárias para que a vida pudesse emergir. Nesse sentido, viver é, como afirma Coccia (2014, p.14), “viver da vida de outrem: viver na e através da vida que outros souberam construir ou inventar”. Os rios, portanto, não são apenas elementos da paisagem, mas entidades vivas que criam o terreno onde outras vidas podem florescer. Eles são os primeiros a viver — e é por meio de sua vida que tantas outras se tornam possíveis.

Meu processo artístico acontece no caminhar, nas caminhadas ao longo da margem do rio. Ao observar as pigmentações da água, fui percebendo que minha produção não se dá apenas no ateliê, mas se expande para o meio ao meu redor. A cada passo, o rio se revela como um espaço de reflexão e criação, onde o movimento da água, suas tonalidades e os elementos naturais me direcionam para novas possibilidades de expressão. Assim, a arte se torna uma extensão do lugar, uma vivência sensível com o ambiente. O conceito de caminhar é expresso por Careri (2013, p.44):



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

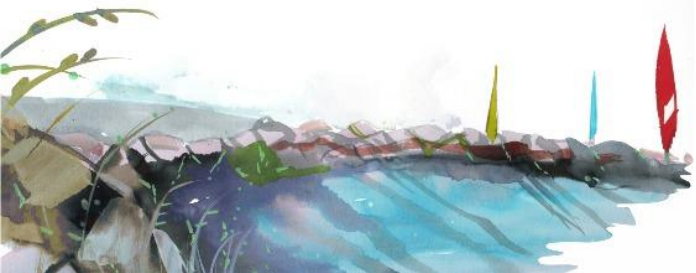
A história das origens da humanidade é uma história do caminhar, é uma história de migrações dos povos de trajetos intercontinentais. É às incessantes caminhadas dos primeiros homens que habitavam a terra que se deve o início da lenta e complexa operação de apropriação e de mapeamento do território.

O ato de caminhar ao longo do *Rio Palmeiras* não é apenas um deslocamento físico, mas uma forma de escuta e de relação com o território. Produzir obras com tecidos tingidos diretamente nas águas do rio é um gesto que carrega a memória do percurso, da presença e da interação com a paisagem. O caminhar torna-se uma ferramenta de criação, e o corpo em movimento atua como instrumento sensível que percebe a paisagem. Ao inserir os tecidos no rio e na natureza, o trabalho incorpora o tempo, os elementos naturais e os vestígios da mineração e contaminação, fazendo da própria paisagem matéria e memória da obra.

As datas e períodos para a elaboração de cada produção artística são determinados pelo tempo cronológico. Além disso, o tempo meteorológico é expresso através das mudanças climáticas, dos efeitos da extração do carvão, do desmatamento e das queimadas na mata auxiliar. As relações entre o tempo histórico, cronológico e meteorológico deixam marcas e constituem produções artísticas. Para Barroso (2012, p.37) o tempo:

é reconhecido pelos vestígios que deixa em nossos corpos e, para além de nossos corpos, em nossas segundas e terceiras peles: as cidades, o meio ambiente, a Terra. De algum modo, por mais íntima que seja a dimensão do instante, onde se dá o encontro poético, em seu todo ou conjunto o tempo é visto por fora e, nesse fora, é visto pelas marcas que faz e deixa. A transformação por ele e nele operada é constante e discreta. O tempo se nota no transformar.

O uso da expressão a *paisagem da paisagem* que remete a uma produção artística que emerge diretamente dos elementos do próprio território. Trata-se de um fazer artístico que se inscreve no tempo e no espaço, sem a ação humana a produção vai se constituindo com as ações do tempo em seu aspecto meteorológico e cronológico e os efeitos da mineração. Essa abordagem considera a paisagem não apenas



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

como cenário, mas como matéria viva, repleta de camadas, histórias e transformações. É da paisagem que se extrai a forma, a textura, a cor, o tom, a memória e o gesto.

Por outro lado, *paisagem na paisagem* evoca uma sobreposição, um encontro entre duas instâncias de paisagem: a geográfica — neste caso, a região de Rio Palmeiras Alto, com sua natureza, seu rio, suas árvores e os vestígios da ação humana — e a paisagem construída pela obra artística, que se insere nesse mesmo espaço. Os tecidos tingidos, dispostos no ambiente natural, não apenas representam uma paisagem, mas tornam-se parte dela. Suas cores, texturas e formas refletem o estado do rio e da natureza em seu entorno.

Esta série de obras foram produzidas a partir de minhas vivências com as caminhadas as margens do Rio Palmeiras (Orleans/SC), passei a observar como os efeitos da mineração modificam as águas do rio, impossibilitam a manutenção de vidas e modificam a paisagem/natureza ao seu entorno. A partir do reflexo da floresta nas águas do rio, passo a observar em possibilidades de retratar esta paisagem não de forma realista, mas como se o próprio espaço fosse capaz de produzir imagens. A imagem abaixo retrata o Rio Palmeiras (Orleans/SC), com a presença dos vestígios da mineração que contaminam as águas e ferrem a margem do rio.



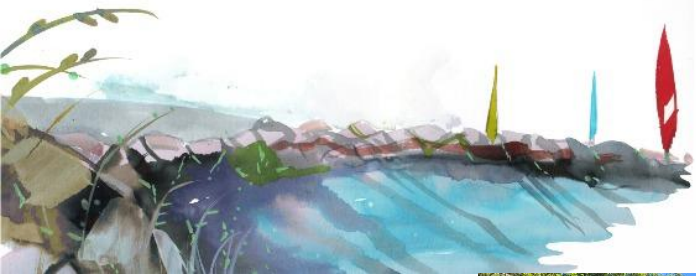
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 1. Rio Palmeiras, Orleans/SC, 2025. Fotografia Digital. Arquivo do pesquisador.

O gesto de levar o tecido em branco até o rio é, em si, carregado de significados. Não se trata apenas de um suporte artístico, mas de uma espécie de pele aberta ao mundo, disposta a acolher as forças, resíduos e sutilezas do ambiente. Ao mergulhá-lo nas águas, ou ao deixá-lo repousar sobre o chão úmido, sob folhas e fragmentos minerais, diante dos efeitos da mineração, das enchentes e secas, permito que a própria paisagem (lugar) atue como propositor da obra. O tempo, o clima, a umidade, a correnteza, os elementos orgânicos e principalmente os rejeitos da mineração imprimem suas presenças no tecido, criando composições que não são totalmente controladas, mas orientadas por uma sensibilidade à escuta e à atenção.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 2. Processo artístico de Paisagem na/da paisagem, Orleans/SC, 2025. Fotografia Digital.
Arquivo do pesquisador.

O suporte branco inicialmente se destaca na paisagem, como um corpo estranho em meio ao ambiente natural. Aos poucos, começa a receber as marcas do lugar. Entre as diversas forças do entorno, é principalmente a água oxidada pela mineração — carregada de resíduos e tons ferruginosos — que atua sobre o tecido, tingindo-o lentamente. A poluição da paisagem infiltra-se no suporte, imprimindo nele sua presença. O branco cede lugar a uma nova pele, marcada pela ação intensa e visível da degradação ambiental.

Há, nesse processo, uma entrega à ação do território, mas também uma escavação poética de suas camadas. O que emerge nos panos não é apenas matéria visual, mas o registro de uma experiência: a vivência de estar ali, em silêncio ou em movimento, em diálogo com um espaço que carrega lembranças, histórias e cicatrizes.

No processo, passo a perceber que todo o entorno do Rio Palmeiras é atravessado pelos efeitos da mineração do carvão. A presença da poluição não se restringe ao curso principal do rio, mas se espalha por seus afluentes e pelas áreas alagadas ao



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

redor. Diante disso, começo a expandir a ação, colocando tecidos também nesses outros pontos do território.



Imagem 3. Processo artístico de Paisagem na/da paisagem, Orleans/SC, 2025. Fotografia Digital. Arquivo do pesquisador.



Imagem 4. Processo artístico de Paisagem na/da paisagem, Orleans/SC, 2025. Fotografia Digital. Arquivo do pesquisador.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

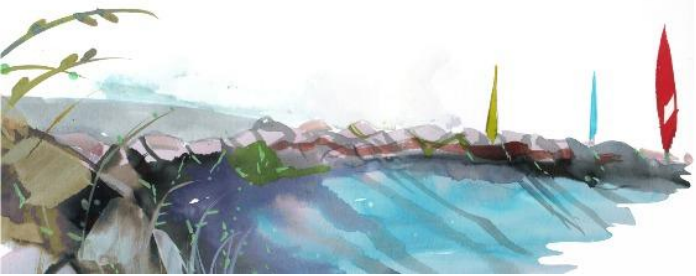


Imagem 5. Processo artístico de Paisagem na/da paisagem, Orleans/SC, 2025. Fotografia Digital.
Arquivo do pesquisador.



Imagem 6. Processo artístico de Paisagem na/da paisagem, Orleans/SC, 2025. Fotografia Digital.
Arquivo do pesquisador.

As transformações pelas quais o Rio Palmeiras passou ao longo do último século têm raízes em processos colonizatórios e extrativistas que ignoraram, em grande medida, as especificidades e fragilidades do ecossistema local. A mineração de carvão, que teve forte presença na região de Orleans (SC), poluiu as águas,



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

contaminou o solo, reduziu a biodiversidade e modificou o modo como as pessoas se relacionam com o território. O rio, que antes era fonte de vida, regava plantações, movimentava atafonas, hoje suas águas não movem mais moinhos.

No processo, passo a perceber que todo o entorno do Rio Palmeiras é atravessado pelos efeitos da mineração do carvão. Seus afluentes e áreas alagadas carregam não apenas a água contaminada, mas também memórias silenciadas de um território marcado por transformações profundas. Ao posicionar os tecidos nesses pontos, eles se tornam receptores sensíveis dessas camadas do tempo. As impressões que surgem – manchas, tons ferruginosos, resíduos – não são apenas registros visuais, mas também vestígios de uma memória coletiva inscrita na paisagem.

A convivência com o rio permite estabelecer relações com a memória, constituídas de forma individual e coletiva — memórias do que o rio foi e do que proporcionou aos moradores de Rio Palmeiras Alto. Como aponta Bosi (1994), a memória atua como uma força subjetiva que faz o passado emergir nas águas do presente, misturando-se às percepções atuais e, por vezes, deslocando-as. Assim, a presença do rio não apenas evoca lembranças, mas também transforma a experiência presente, preenchendo o espaço da consciência com sentidos profundos e persistentes.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo — atual e das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, —desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência (Bosi, 1994, p. 46- 47).

Nesse contexto, estar diante do rio e propor artisticamente junto a ele é estar aberto à confluência entre passado e presente por meio das memórias. Cada gesto junto à paisagem convoca lembranças que atravessam o tempo. Assim, cada obra torna-se fragmento de um tempo alargado, onde passado e presente se entrelaçam em um percurso marcado pela presença na paisagem.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

A reflexão sobre a *Paisagem na/da Paisagem* surge dessa sobreposição de camadas: a paisagem que se revela na matéria da obra é também aquela que está inserida em outra, maior e mais complexa. A paisagem do tecido na paisagem do rio. A paisagem da arte na paisagem do território. A paisagem da memória na paisagem da experiência. Esse jogo de duplicidade é central para a poética do trabalho, pois revela que toda paisagem é, também, construção — social, histórica, sensível. Não há paisagem neutra; toda paisagem carrega marcas do olhar, do gesto e da memória. Abaixo algumas imagens desta série.



Imagem 7. Paisagem na/da paisagem, Orleans/SC, 2025. Tecido e matéria orgânica. Arquivo do pesquisador.



extremos

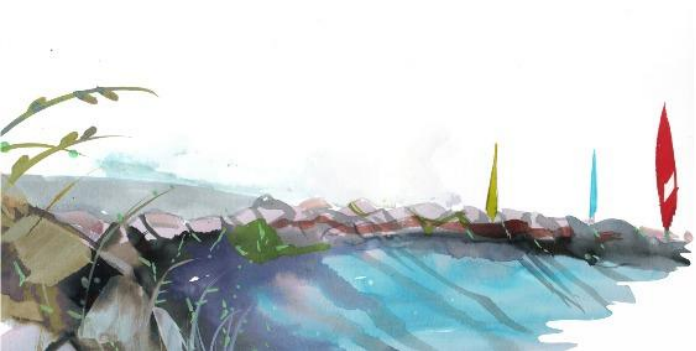
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 8. Paisagem na/da paisagem, Orleans/SC, 2025. Tecido e matéria orgânica. Arquivo do pesquisador.



Imagem 9. Paisagem na/da paisagem, Orleans/SC, 2025. Tecido e matéria orgânica. Arquivo do



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

pesquisador.

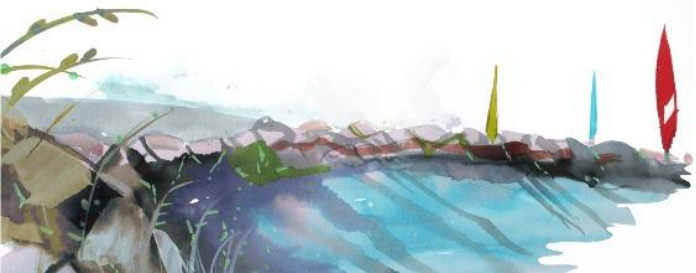


Imagem 10. Paisagem na/da paisagem, Orleans/SC, 2025. Tecido e matéria orgânica. Arquivo do pesquisador.

Conforme a pesquisa se desenvolve, percebo que as produções artísticas também passam a afetar meu modo de caminhar pelo território. Os lugares que antes pareciam apagados ou indiferenciados ganham contornos novos, tornam-se passíveis de atenção. A arte, nesse caso, não é algo que se adiciona ao mundo, mas algo que nasce dele, que cresce junto com a experiência de estar ali.

Algumas considerações/irrigações

Ao desenvolver esse trabalho, percebo que as paisagens que emergem nos tecidos são também paisagens internas. Elas refletem não apenas o ambiente externo, mas os afetos, memórias e deslocamentos que atravessam meu corpo e minha história.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Cresci naquele lugar e com a memória de um rio vivo e com vida. Ao retornar com uma intensão artística, busco (re)significar a existência rio, fazendo emergir suas memórias, dando voz e visibilidades apagadas e silenciadas pela mineração.

Neste contexto, pensar a arte como forma de escuta e de reaproximação torna-se, para mim, um gesto político e afetivo. É por meio da série *Paisagem na/da Paisagem* que busco (re)estabelecer relações sensíveis e afetivas com meu território de origem. Acredito no potencial crítico da arte e em sua capacidade de provocar reflexão e transformação social.

Diante da pergunta “*que rio queremos?*”, retorno ao pensamento de Krenak (2022), para quem o futuro é ancestral. Essa perspectiva nos convida a (re)pensar nossas relações com o território, reconhecendo que o que está por vir depende do cuidado com aquilo que já foi vivido e transmitido. Pensar o rio que queremos é escutar os saberes que habitam suas margens, aqueles que resistem no tempo e atravessam gerações. Ao propor artisticamente junto ao rio, busco ativar essa escuta, em que a arte se torna um gesto de reconexão com o território, de afirmação da memória como força viva e transformadora. Assim, reafirmo a arte como um fazer político e afetivo, capaz de reencantar o presente e (re)tecer vínculos entre corpo, paisagem e ancestralidade.

Referências/fontes

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. [tradução Frederico Bonaldo]. 1.ed. – São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

COCCIA, Emanuelle. *A Vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie, 2018.

BARROSO, Ana Beatriz. *Arte Transversa, quando a memória deságua na cultura*. In: ZACCARA, Madalena; CARVALHO, Lívia Marques (org.). **Paisagens Plurais: Artes Visuais & Transversalidades**. 1. ed. rev. Recife: Universitária da UFPE, 2012. v. 1, cap. 2, p. 35-52. ISBN 978-85-415-0034-0.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

DAIARA Tukano. Direção: Helena Bagnoli. Produção: Helena Bagnoli; Guilherme Werneck. Gravação de B & W Produções. SescTV: Serviço Social do Comércio - Administração do Estado de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HMbe4AoLIJc&t=242s> . Acesso em: 14 mar. 2025.

Notas

¹ Graduado em Artes Visuais – Licenciatura (2015) e Mestre em Educação (2019) pela Universidade do Extremo Sul Catarinense / Unesc (Criciúma – SC), natural de Orleans – às margens do Rio Palmeiras. Atualmente reside em Laguna (SC), perto do oceano. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4982970308367880>